

# Pesquisa Militante

Isabella Maio

[Assistente Social. Doutoranda em Saúde Pública - Ensp/Fiocruz]

No ambiente acadêmico, sem dúvida, aprendi e sigo aprendendo e desaprendendo muitas coisas.

Ao longo desse ano, por exemplo, fomos convidados a apresentar nossos projetos de pesquisa para nossos colegas de turma em uma disciplina. Uma experiência muito rica, onde exercitamos mais a escuta do que a fala.

Na escuta atenta ouvi muitos elogios sobre meu projeto e algumas sugestões preciosas sobre o que está incompleto e no que preciso melhorar. Dentre os comentários, um, com tom de crítica, me chamou atenção: “(...) *a sua pesquisa é muito militante, não é?*” Sorri de orelha a orelha e pensei: “*Uhuul! Estou sendo contra-hegemônica em um espaço elitizado e encastelado nas suas próprias certezas...*”... Mas, depois, várias perguntas surgiram na minha cabeça... Como não realizar uma pesquisa militante depois de TUDO o que vivemos?

Depois de quatro anos de negacionismo que insiste em nos assolar?

Como não realizar uma pesquisa militante com todo o sucateamento da ciência e das universidades brasileiras?

Fomos diretamente ameaçados e seguimos sendo... Como não vamos nos posicionar frente a isso?

Como os pesquisadores e cientistas têm se posicionado em suas pesquisas? Que academia é essa que nega a militância?

Como não realizar uma pesquisa militante sabendo que os trabalhadores desse país seguem adoecendo e morrendo no e pelo trabalho?

Que ciência é essa que exige “neutralidade”? Para que ela serve? A quem ela serve???

Tive vontade de fazer todas essas perguntas, mas me contive esclarecendo que a minha pesquisa é sim militante porque ela tem lado.

Não precisei dizer mais nada, pois a resposta era clara. Com isso, cheguei à conclusão óbvia sobre dois aspectos:

o primeiro é que precisarei o tempo todo reafirmar a minha posição ao lado da classe trabalhadora, sobretudo dentro do ambiente acadêmico; a segunda é que nós, os militantes, somos “*persona non grata*” nesses espaços porque geramos um movimento que a academia não quer fazer, pois não está disposta a perder o seu *status quo*.

Rosa Luxemburgo já nos ensinava nos idos do século XIX que “*quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem*”.

Precisamos ser, portanto, o próprio movimento que faz ruir as certezas

e os muros de uma academia forjada para atender os interesses do capital.

A pesquisa PRECISA ser militante para ter sentido, para ter alma e para transformar a vida das pessoas.

A ciência PRECISA caminhar junto com o povo e se posicionar frente à barbárie.

Pode parecer óbvio o que digo aqui, pois a maioria dos leitores e escritores dessa Coluna são pessoas envolvidas de corpo e alma com os movimentos sociais, sindical e, ao mesmo tempo, estão, de alguma maneira, ligados ou em debate com a academia.

Mas aqui estamos dialogando com os nossos pares, estamos na nossa “bolha”. Temos sim, dentro da academia muitas experiências que fortalecem o movimento e que caminham junto com a militância,

mas ainda somos poucos frente a uma academia que não quer assumir uma posição.

Nosso desafio é, portanto, firmar a nossa posição em espaços hegemônicos e, de alguma forma,

espraizar o movimento que nos encoraja a fazer uma academia diferente.

Uma academia menos interessada em Lattes e mais interessada em garantir e defender os Direitos Humanos.

Afinal, como nos dizia Paulo Freire (2000):

***“Lavar as mãos do conflito entre os poderosos e os impotentes significa ficar do lado dos poderosos, não ser neutro.*”**

***O educador tem o dever de não ser neutro.”***

■ ■ ■

Referência: Freire, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.